

## **Análise de discurso no Brasil: princípios e procedimentos de pesquisa**

Isabel Cristina Ferreira Teixeira (UNIPAMPA)\*

*Resumo:* Este trabalho, situado no domínio da História das Ideias Linguísticas, tem como objeto a apresentação de princípios e de procedimentos metodológicos utilizados para a realização da tese intitulada **Análise de discurso no Brasil: aspectos da invenção e da transmissão no fazer disciplinar**; e, como objetivo, relacionar as noções de metalinguagem e de fazer disciplinar aos resultados obtidos que apontam, pelo desenvolvimento específico das noções de paráfrase e polissemia/metáfora, na escrita teórica de Eni P. Orlandi, para a constituição de uma Análise de Discurso brasileira.

*Palavras-chave:* metalinguagem; disciplina; invenção; transmissão.

A prática de pesquisa envolve uma metodologia que coloca à disposição do pesquisador procedimentos que permitem a interpretação do objeto em relação aos objetivos da análise. A compreensão não será total ou completa, porque a interpretação nos remete a discursos anteriores e aponta para outros; além disso, “não há discurso fechado em si mesmo mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes” (ORLANDI, 2000, p. 62).

Na pesquisa intitulada **Análise de discurso no Brasil: aspectos da invenção e da transmissão no fazer disciplinar**<sup>1</sup>, o objetivo geral foi o de produzir um conhecimento sobre o disciplinar da Análise de Discurso (AD) pela escrita teórica de Eni P. Orlandi. Entre os objetivos específicos, estavam os de examinar o domínio do saber em que a História das Ideias Linguísticas se situa e o de refletir sobre o fazer disciplinar como um processo de transformação do discurso de fundação em um discurso de transmissão. Destacamos, em função desses propósitos, duas noções que determinaram o modo como o corpus foi abordado: a metalinguagem (AUROUX, 1992) e o fazer disciplinar (CHISS; PUECH, 1997; 1999).

Auroux recusa o mito da cientificidade, firmado pelos comparatistas, para os quais “os estudos concernentes à linguagem só teriam adquirido o estatuto científico no início do século XIX com os trabalhos de Bopp, isto é, com a gramática histórica [...]” (1992, p. 7). Esse mito supõe que a ciência elabora um conhecimento desinteressado do objeto, constrói a representação dos fenômenos linguísticos e não exerce sobre esses fenômenos nenhum tipo de ação. Essas premissas, além de terem sido compreendidas como a base para o surgimento da metalinguagem, tornaram-se lugar-comum para os

---

\* Pesquisadora do grupo *Linguagem e Currículo* da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA/RS). Doutora em Letras – Estudos Linguísticos pelo PPGL/UFSC. E-mail: isabelcft@yahoo.com.br

<sup>1</sup> Tese de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr. Amanda E. Scherer.

linguistas até recentemente, quando as Ciências da Linguagem passam a ser estudadas por métodos da Filosofia e da História das Ciências.

Adotando tais métodos, a tese do autor contraria a suposição dos comparatistas e supõe que o nascimento da metalinguagem não tem uma data específica situada no tempo, mas integra um processo continuado de desenvolvimento de saberes sobre a linguagem. Esse processo, que implica trocas constantes entre o saber epilinguístico e o saber metalinguístico, não é causa, mas consequência do nascimento da escrita. Auroux (Ibid.) entende que o objeto de estudo da metalinguagem são os saberes que se constituíram sobre a linguagem humana tal como ela se realizou na diversidade das línguas. Não se postula um objeto de natureza estável; trata-se de um saber constituído que deve ser situado em relação a um campo de fenômenos.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento da questão da metalinguagem diferencia-se do conceito desenvolvido pelo funcionalismo por voltar-se para a historicidade do saber metalinguístico. Para Auroux (Ibid.), o ato de saber é temporal e possui uma espessura temporal, um horizonte de retrospectção e de projeção.

O *corpus* – escrita teórica de Orlandi – foi observado a partir da noção de metalinguagem: a AD brasileira configura-se como um conjunto de saberes sobre a língua; saberes que se constituem como uma realidade histórica. Em um horizonte de retrospectção, volta-se para o passado e dialoga com o estruturalismo, o materialismo histórico e a psicanálise; estabelece um processo de ruptura e continuidade com teorias contemporâneas no Brasil, procedimento que a desloca do conteudismo associado às Ciências Sociais; da significação associada à Linguística saussureana; da simetria entre código e mensagem, associada ao funcionalismo de Jakobson. A metalinguagem situada na História das ideias linguísticas funciona discursivamente e contribui para a compreensão sobre o modo como a AD é feita na universidade brasileira.

Para a reflexão sobre o disciplinar, reportamo-nos a Chiss e Puech (1999), que desenvolvem essa noção, compreendendo-a não como um estado de fato, mas como um processo constante de começo e recomeço, de ruptura e continuidade, que relaciona constituição, formulação e transmissão de saberes. No dizer dos autores, estamos no terreno da invenção e da transmissão; e o disciplinar não é considerado um momento secundário no processo de constituição do conhecimento, mas associado a ele.

O ponto de vista disciplinar resulta do abandono fundamental aos saberes totalizantes. Essa renúncia implica a estratificação do objeto e uma articulação com o que ele deixa para os outros campos do saber:

Adotar tal ponto de vista disciplinar pode implicar um deslocamento das questões próprias do objeto da ciência em favor de desenvolvimentos que permitem compreender as estratificações e delimitações desse discurso com relação a outros discursos que o precederam ou que lhe sejam concomitantes. Esse movimento que está na base da representação do disciplinar, no entanto, não é visto por Chiss e Puech (Ibid.) como um momento secundário no processo de constituição dos conhecimentos, e sim como associado a sua constituição e formulação teórica.

Invenção e transmissão ou o saber e o disciplinar constituem-se em dois funcionamentos da ciência que dialogam e se interpenetram. Inclusive, justificam sua existência que, apesar de falível e de funcionar em torno de comunidades, não em torno da verdade, tem no disciplinar uma possibilidade de reconhecimento, dada sua

possibilidade de acesso pela população (AUROUX, 2007). Talvez seja possível argumentar também que um saber não chega a se firmar como tal se não houver um desenvolvimento disciplinar que lhe seja concomitante. Convém esclarecer que a noção de transmissão nessa perspectiva não está associada à teoria da informação ou à teoria da comunicação que preveem a transmissão da mensagem inserida num processo de codificação/decodificação cuja principal desvantagem é desconsiderar as condições de produção do discurso.

Chiss e Puech (1999) entendem o disciplinar como uma interface problemática entre a invenção, onde se situa a novidade teórica; e a transmissão, onde se situam as mediações, representações elaboradas para transmissão. São consideradas mediações as publicações específicas, tais como as sínteses, as introduções e os manuais, que devem ser examinadas em relação ao processo de sua produção.

Auroux preocupa-se também com as possibilidades de mediação. Em **A revolução tecnológica da gramatização**, de 1992, o autor esclarece sobre a gramatização das línguas e sobre os aspectos tecnológicos e institucionais desse acontecimento; aproxima as Ciências da Linguagem das demais ciências, mostrando que o conhecimento da língua cria tecnologias que são tão importantes quanto achados da Matemática que servem de base para as engenharias, ou achados da Biologia que podem fundamentar tecnologias desenvolvidas pelos estudos atuais de Genética. O conhecimento de uma maneira geral não pode prescindir das tecnologias da escrita, mas essa necessidade é reiterada se pensamos no conhecimento científico, cujo funcionamento institucional não seria possível sem essa intervenção tecnológica.

Em publicação de 2007, ao tratar da historicidade das ciências, desenvolve a noção de externalidades cognitivas, consideradas intervenções técnicas e significantes, fundamentais para a construção do conhecimento que supõe não só a atividade cognitiva, mas também a construção progressiva de objetos externos, que ultrapassam as capacidades individuais.

A noção de representação como mediação (CHISS; PUECH, 1999) ou a de externalidades cognitivas (AUROUX, 2007), ambas formuladas para dar conta das possibilidades de circulação do conhecimento e que servem, na pesquisa realizada, para observar a constituição disciplinar da AD no Brasil, justificam o procedimento de examinar, da produção intelectual de Eni P. Orlandi, a obra **A linguagem e seu funcionamento**, de 1983, no sentido de acompanhar a constituição, a formulação e a transmissão das noções de paráfrase e polissemia.

Chiss e Puech (1997), ao estudarem a constituição disciplinar da Linguística, concluem que as mediações apresentam três modalidades de representação da unidade e da fundação disciplinar: a filiação empírica, onde se reivindica a continuidade de uma tradição, de uma escola, de uma corrente instalada; a demarcação disciplinar, a divisão no tempo ou sincrônica, que situa a disciplina com relação às outras; a refundação conceitual, onde a figura do antecessor é relacionada à do fundador, o que legitima uma prática de reapropriação/reação de uma noção específica.

Levando em conta os princípios apresentados e os procedimentos metodológicos praticados a partir deles, elaboramos uma possibilidade de leitura das noções de paráfrase e polissemia, relacionada à de efeito metafórico apresentada por Pêcheux, em **Análise automática do discurso**, de 1969, para traçar um percurso do desenvolvimento das concepções do disciplinar em Orlandi (1983), a partir de seu livro

de estreia que, supomos, haveria de conter as contradições que parecem ser próprias da lógica da descoberta e as modalidades de representação que fazem a ancoragem do disciplinar, a saber, a filiação empírica, a divisão disciplinar e a refundação conceitual.

Os procedimentos utilizados permitem concluir que as noções de paráfrase e polissemia tiveram um desenvolvimento que responde a exigências próprias da especificidade do caso brasileiro; e se justifica se for considerada a tradição de estudos da linguagem no Brasil. Considerando os modos como se dá a representação da unidade e da fundação disciplinar, encontramos ao lado da filiação empírica, notadamente a Pêcheux, a demarcação disciplinar que opõe Pragmática, Funcionalismo e Análise de Discurso; e a refundação conceitual, onde a reformulação das noções de paráfrase e polissemia se localiza, o que aponta para a constituição de uma AD brasileira situada na invenção e na transmissão.

Os princípios e procedimentos utilizados não respondem todas as questões nem dão conta do objeto na sua totalidade, mas significam se a ciência for pensada em termos de coerência aparente, não de proposições verdadeiras; e em sua historicidade.

## Referências

AUROUX, S. **A questão da origem das línguas, seguido de A historicidade das ciências**. Campinas, SP: RG, 2008.

\_\_\_\_\_. L'historicité des sciences. In : \_\_\_\_\_. **La question de l'origine des langues suivi de L'historicité des sciences**. Paris: Quadrige/PUF - Presses Universitaires de France, 2007.

\_\_\_\_\_. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

CHISS, J.L.; PUECH, C. **Le langage et ses disciplines: XIXe. – XXe. siècles**. Louvain-la-Neuve: Editions Duculot, 1999.

\_\_\_\_\_. **Fondations de la linguistique: études d'histoire et d'épistemologie**. Louvain-la-Neuve: Editions Duculot, 1997.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. Traduzido por E. P. Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

TEIXEIRA, Isabel Cristina. **Análise de discurso no Brasil: aspectos da invenção e da transmissão no fazer disciplinar**. 140f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS: UFSM, 2009.